



Comunicação via Redes Sociais Digitais: Um estudo sobre a sua relevância em relação à redução do preconceito contra homossexuais no Brasil

1

Camilla MARTINS¹

Resumo

O objetivo geral deste artigo é analisar a relevância da comunicação via redes sociais digitais no que se refere ao preconceito e a conscientização em relação à homossexualidade no Brasil. Primeiramente, serão apresentados conceitos sobre cibercultura, redes sociais digitais e será discutido o processo de democracia em tempos de internet, para então explicar a metodologia e as métricas recorridas para a análise, na qual traçamos paralelos com os estudos de gênero e defendemos que as ferramentas de redes sociais digitais têm papel fundamental na luta em prol dos direitos gays, visto que, embora ainda não promovam mudanças radicais no pensamento ou na legislação, elas colaboram para a geração de discussões, facilitam a articulação dos grupos e de pessoas que defendem a causa, além de mostrarem uma perspectiva do pensamento do brasileiro em relação ao assunto.

Palavras-chave: comunicação; redes sociais digitais; homossexualidade; preconceito; conscientização.

Introdução

A internet e as redes sociais impactam diferentes áreas atualmente, os dados e informações obtidos por meio delas são muito usados por grandes empresas, que buscam formas de entender o comportamento do consumidor e internauta, para atender as suas demandas de consumo em todos os nichos. As mídias tradicionais estão se remodelando e há veículos extremamente fortes e tradicionais, como a revista americana Newsweek, deixando de lado suas publicações impressas para veicular o conteúdo apenas pela internet. As grandes organizações utilizam bastante as novas mídias e grande parte das maiores repercussões na web está relacionada a campanhas de comunicação. Os investimentos em campanhas digitais são facilmente medidos por ferramentas de internet, bem como o impacto disso nas vendas de determinada marca. Além das grandes organizações, ONGs e pessoas comuns utilizam essas ferramentas para lutar por causas em comum, no caso dos homossexuais e simpatizantes, há movimentos, discussões, petições virtuais e até campanhas online. Mas qual a relevância dessa comunicação via redes sociais digitais para a redução do preconceito em relação aos homossexuais no país? Como utilizar essas ferramentas para promover a conscientização e a diminuição do preconceito? Essas perguntas surgiram com base nos dados compilados e

¹ Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico da IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

¹Relações Públicas, especialista em Comunicação, Cultura e Arte pela Puc-PR, email: camilla.mtns@gmail.com

divulgados pelo Grupo Gay da Bahia, que afirmam que o número de assassinatos de homossexuais cresceu em 2012 no Brasil.

Portanto, este artigo pretende descobrir qual a relevância da comunicação via redes sociais digitais na redução do preconceito contra homossexuais no Brasil, partindo de três hipóteses: 1) A comunicação via redes sociais digitais é relevante, pois promove a mudança de pensamento e a redução do preconceito contra homossexuais no Brasil; 2) A comunicação via redes sociais digitais não promove mudanças de pensamento e quebra de paradigmas em relação à homossexualidade no Brasil, mas é relevante porque gera discussões e promove a articulação de pessoas que lutam pela causa; e, 3) A comunicação via redes sociais digitais não é relevante para a redução do preconceito, pois somente reflete um pensamento já estabelecido pela população, que apenas expõe opiniões já formadas nas diferentes plataformas.

A análise de relevância da comunicação via redes sociais digitais em relação ao preconceito contra homossexuais no Brasil foi realizada com base em métricas utilizadas para mensurar os dados presentes nas redes sociais. Buscou-se seguir um método hipotético-dedutivo, com pesquisa exploratória e descritiva, além de bibliográfica, realizada por meio de dados indiretos e públicos disponíveis nos perfis e páginas selecionados como amostra para o estudo de caso. A análise dos dados foi baseada em métricas quantitativas e qualitativas.

A possibilidade da comunicação de mão dupla, interativa, a voz que cada internauta tem por meio de seus perfis, páginas e blogs, além de fornecer dados para os negócios, também propõe discussões acerca de temas polêmicos, dificilmente conversados e levantados antes da internet. Assuntos como aborto, preconceito, política e direitos homossexuais não estão mais restritos às decisões governamentais e são discutidos amplamente na rede. Em 2012, o Supremo Tribunal Federal brasileiro decidiu que o aborto de anencéfalos não era mais considerado crime², o assunto gerou grande repercussão em todas as mídias e veículos de comunicação, principalmente nas redes sociais. Especialmente no Twitter, os internautas demonstravam suas opiniões a favor ou contra a decisão do STF, levando a sigla STF aos trending topics do microblog. Notícias publicadas no canal por meio de veículos tradicionais como o Jornal do Brasil, o Portal Terra e a Folha de São Paulo impulsionaram o burburinho. Nesse mesmo ano, a página³ no Facebook de uma adolescente de Santa Catarina denunciando as irregularidades e deficiências da escola pública em que estudava ganhou notoriedade e, através dos posts, algumas mudanças e melhorias foram implantadas, a fanpage atualmente conta com mais de 600 mil fãs. O espaço virtual tornou-se uma nova versão do espaço

² Mais informações na matéria do Portal Terra, disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/aborto-de-anencefalos-nao-e-mais-crime-decide-stf,517bdc840f0da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html> último acesso em 09 de abril de 2013

³ Página disponível em www.facebook.com/DiariodeClasseSC último acesso em 09 de abril de 2013

público, onde as pessoas se reúnem para protestar em prol de uma causa e expressar suas opiniões.

1 CIBERCULTURA, REDES SOCIAIS DIGITAIS E DEMOCRACIA

As mídias e os meios de comunicação têm importante papel na organização, estruturação e manutenção dos movimentos sociais. No caso do movimento gay no Brasil, seu início esteve bastante ligado a mídias alternativas, que deixaram de existir com a redemocratização ocorrida no país com o fim da ditadura militar, o que provocou a dissolução de diversos grupos do movimento. Diferentemente do que ocorreu na década de 1980, quando a mídia alternativa foi “engolida” por grandes veículos de comunicação, atualmente a internet e as redes sociais digitais proporcionam uma dinâmica diferente.

A disponibilidade de ferramentas e dispositivos faz com que cada pessoa conectada a internet seja emissora de conteúdo e informação. Além disso, o acesso fácil a qualquer tipo de conteúdo pela internet possibilita o que ficou conhecido como Cauda Longa, uma teoria estatística aplicada ao varejo e popularizada por Chris Anderson em seu livro *The Long Tail*. A cauda longa fala dos nichos, mostra-se que produtos e/ou conteúdos não consumidos em grandes quantidades também têm um público específico que os consome e os mantém. Devido a essas características, a internet e as redes sociais digitais também vem transformando as relações de poder e a democracia.

2.1 CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS DIGITAIS

O surgimento da cibercultura está ligado à relação do homem com a técnica e as implicações desta relação nos aspectos sociais, históricos, econômicos e culturais. Isso deu origem à chamada sociedade da informação ou informacional, caracterizada pela convergência da tecnologia informática com as telecomunicações. Nos dias de hoje, pelo ritmo dos avanços tecnológicos, a cibercultura encontra-se em mutação como coloca Felinto (2008, p.39) “Envolve não apenas valores como intangibilidade, conectividade e velocidade, mas também mutabilidade e transformação”. Felinto (2008, p.41) também afirma que “Comunicação, cultura e tecnologia formam uma tríade inseparável e indispensável para o entendimento de nossa situação contemporânea”. A tríade proposta por Felinto é possibilitada pelo compartilhamento, que é uma das, senão a principal, característica da sociedade digital. Esse compartilhamento, essa interconexão favorece a comunicação entre os indivíduos e, conseqüentemente, o surgimento de cooperações e mobilizações.

Essa ideia de mobilização e organização das pessoas em prol de um mesmo objetivo ou motivação converge com o estudo realizado pela pesquisadora gaúcha Raquel Recuero (2009, p.2), que define redes sociais digitais como “Redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões”. No artigo *Redes Sociais na Internet*, Recuero apresenta modelos de estrutura dessas redes que se baseiam em conceitos sociológicos e nos mostra que eles não se aplicam às redes sociais formadas na internet

(...) as relações entre os indivíduos na comunicação mediada por computadores não são aleatórias. As pessoas levam em conta diversos fatores ao escolher conectar-se ou não a alguém. Os laços sociais, portanto, são estabelecidos sob prismas muito específicos de interesses comuns de cada nó. (RECUERO, 2005, p. 13).

De forma bem superficial pode-se dizer que as chamadas redes sociais digitais, tais como Twitter e Facebook, são somente ferramentas para que as verdadeiras redes sociais, que se formam através da comunicação entre os indivíduos por meio do computador e da internet. Com o diferencial de que as redes sociais digitais têm um potencial muito maior, já que podem ser muito maiores e amplas que as redes sociais formadas sem a internet. Para se ter uma noção desse potencial de alcance, a audiência no Brasil do YouTube alcançou a marca de 43 milhões de espectadores em 2012⁴. Nesse mesmo ano o país foi o que mais cresceu em número de usuários no Facebook, com cerca de 29,7 milhões de pessoas, tornando-se o segundo no mundo no volume de perfis⁵. De acordo com o estudo Net Insight, do IBOPE Media, os internautas brasileiros passam em média 10 horas e 26 minutos em páginas de redes sociais. As redes mais usadas pelos brasileiros são: o Facebook com 63,40% da preferência, o YouTube com 18,50%, o Orkut com 4,21%, o Ask.fm com 2,50%, seguido do Twitter com 2,06%, segundo pesquisa da ferramenta Hitwise da Serasa Experian.

2.2 DEMOCRACIA EM TEMPOS DE INTERNET E REDES SOCIAIS DIGITAIS

Castells (Outras Palavras, 2011) afirma que “Onde quer que haja poder, haverá resistência a ele”. A ampliação do acesso à internet, o boom das redes sociais digitais e da tecnologia criaram um novo lugar para essa resistência. O antropólogo argentino Canclini fala que no mundo globalizado a cidade não se constitui apenas pelo que acontece em seu território, mas também através de um multiculturalismo democrático, ou seja, o que acontece na esfera digital também faz parte da sociedade. As insatisfações e frustrações das pessoas podem ser compartilhadas, os indivíduos podem trocar experiências e opiniões que não dependem de suas localizações geográficas, como aponta Lèvy:

⁴ Dados da comScore, disponíveis em

http://www.comscore.com/por/Insights/Press_Releases/2013/2/Brazilian_Online_Video_Audience_Reaches_4_3_Million_Unique_Viewers_in_December_2012 último acesso em 09 de abril de 2013

⁵ Dados da Socialbakers, disponível em <http://blogs.estadao.com.br/radar-tecnologico/2013/01/23/um-terco-dos-brasileiros-tem-facebook-pais-se-torna-o-2o-em-numero-de-usuarios/> último acesso em 09 de abril de 2013

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. (LÈVY, 2003, p.9).

Com todas as novas ferramentas e a facilidade de comunicação, as pessoas tendem a compartilhar cada vez mais as suas frustrações políticas, criando condições para manifestações, que antes não se organizavam de tal forma:

As redes sociais podem ser utilizadas para levar as pessoas às ruas, para mobilizar a população em torno de causas, para potencializar a repercussão de suas causas, junto às mídias tradicionais, e antes mesmo disso, para formar opinião” (MARTINS MEDINA, 2011)

Há muitas críticas em relação aos protestos feitos nas redes sociais, principalmente no que se refere ao comodismo. Publicar sua opinião em algum site ou assinar uma petição online realmente muda alguma coisa, traz visibilidade? Ou ainda é preciso ir para as ruas? Castells talvez tenha uma resposta:

Durante anos, minhas observações dos movimentos sociais mostram que essa autonomia comunicativa tem sido aproveitada, para organizar e ampliar a mobilização. A partir dessa indignação organiza-se um debate. Desse momento em diante, as iniciativas de rede, do ciberespaço, passam ao espaço urbano, e se organiza uma interação entre o espaço urbano e o da rede virtual. Ela organiza, mobiliza, gera uma dinâmica que modifica instantaneamente as relações de poder na sociedade, e começa a influenciar o mais importante: as mentalidades das pessoas. (OUTRAS PALAVRAS, 2011)

Pierre Lèvy, em entrevista pelo Twitter ao jornal O Estado de São Paulo, também deu sua opinião sobre a relevância das manifestações virtuais, para ele as petições virtuais são tão relevantes quanto às petições off line, ele ainda acredita que qualquer tipo de ativismo e expressão dos cidadãos são válidos. Lèvy também fala que os discursos de ódio são históricos e já foram publicados na mídia impressa, não sendo exclusivos na internet. A tendência com todas essas novas possibilidades é a diminuição do poder e do significado do governo e do estado, porém a política e os governantes ainda não acompanham essa evolução da melhor forma. Para Lèvy, essa situação constitui uma perspectiva promissora e esperançosa:

A verdadeira democracia eletrônica consiste em encorajar, tanto quanto possível – graças às possibilidades de comunicação interativa e coletivas oferecidas pelo ciberespaço; a expressão e a elaboração dos problemas da cidade pelos próprios cidadãos, a auto-organização das comunidades locais, a participação nas deliberações por parte dos



grupos diretamente afetados pelas decisões, a transparência das políticas públicas e a sua avaliação pelos cidadãos (LÉVY, 2003, p. 186).

2 REDES SOCIAIS DIGITAIS, HOMOSSEXUALIDADE E PRECONCEITO

Antes da apresentação dos dados coletados na pesquisa, será tratada brevemente a questão de estudo de gêneros e serão apresentados dados sobre a homossexualidade no país. Essas discussões auxiliam no entendimento das questões sociais da homossexualidade e, conseqüentemente, do preconceito.

Nota-se que ainda não há tantos dados no país sobre o tema. Enquanto consultorias fazem pesquisas na área para entender os homossexuais como mercado consumidor, o Censo do IBGE inclui o assunto em suas pesquisas somente em 2010. Segundo pesquisa realizada pela inSearch Tendências e Estudos de Mercado, a população gay no Brasil está estimada em 18 milhões de pessoas. De acordo com dados do instituto o país tem mais de 60 mil casais homossexuais, sendo 54% na região Sudeste. Entretanto, esse número deve variar muito, como avalia Eduardo Pereira Nunes, presidente do IBGE:

É certo que nos próximos Censos, essa informação tenderá a aumentar. Isso não vai significar que o aumento será proveniente de mais casais do mesmo sexo se unindo. Você tem que levar em consideração também que alguns de muitos homossexuais não terem se autodeclarado como tais por receio (PORTAL IG, 2013).

No âmbito dos direitos gays, em 1995, a deputada Marta Suplicy propôs um projeto de lei para a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, e somente 16 anos depois, em 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a então chamada união homoafetiva, que concede aos casais homossexuais direitos semelhantes aos previstos na união estável, tais como pensões, aposentadorias e inclusão em planos de saúde. Praticamente dois anos depois da decisão do STF, em abril de 2013, alguns estados brasileiros, como o Paraná, legalizaram o casamento civil entre homossexuais. Enquanto o progresso acontece em um lado, o país discute a eleição do pastor Marco Feliciano, que fez declarações homofóbicas e racistas, para a Comissão de Direitos Humanos.

Além das questões legais, o país também apresenta uma resistência da própria população em relação à causa gay. Segundo pesquisa divulgada pelo Ibope Inteligência, divulgada em 28 de julho de 2011 – antes da decisão do STF; 55% da população é contra a união estável e a adoção de crianças por casais gays. Apesar da resistência ainda ser maioria, o apoio subiu de 7%, em 1995, para 45% em 2011. A pesquisa do Ibope ainda aponta que os mais jovens, as mulheres e os mais escolarizados são mais favoráveis. A partir desses dados é possível concluir que não se trata apenas de uma evolução nas leis e direitos, mas também no pensamento. De toda forma, as duas coisas deveriam caminhar juntas, a união civil foi reconhecida, o casamento civil já é realidade em alguns estados, mas o projeto de lei que

criminaliza o preconceito contra homossexuais foi apresentado à Câmara em 2006 e ainda não teve andamento. Essa problemática é resumida pelo comentário de Toni Reis, presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) “De que adianta a gente poder casar e não poder andar de mãos dadas?” (REVISTA EXAME, 2013).

As contradições tão comuns no Brasil não fogem da regra em relação à homossexualidade. Mesmo com a união homoafetiva regulamentada, fazendo com que o país seja destaque no respeito aos homossexuais, o número de casos de violência e preconceito não condizem com tal afirmação. Um levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia, a mais antiga organização nacional de defesa dos homossexuais do país, mostrou um aumento de 27% em 2012 em relação ao ano anterior nos casos de assassinatos de homossexuais. Esse mesmo número comparado ao de 2005 aponta um crescimento de 317%. E, assim como os dados da pesquisa do Censo do IBGE, esse montante provavelmente é bem maior. Fernando Quaresma, presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, comenta o relatório do serviço de denúncias da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH):

Não é um número real. É um número elevado, mas não é real, porque não engloba pessoas que não conseguem assumir a sexualidade e que sofrem com a homofobia, nem casos de homicídio em que as famílias não assumem que a pessoa morta era LGBT (REVISTA EXAME, 2013).

O relatório da SDH mostra que o serviço recebe, em média, oito denúncias por dia. No total, em 2011, foram 4.614 denúncias de homofobia. Para a delegada Margarete Barreto, titular da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância, a violência contra homossexuais deveria ser discutida com mais profundidade:

É importante investir em políticas públicas preventivas. No Brasil, temos uma mania: quando aparece um crime, aumenta-se a pena para esse crime, mas não se discute a questão a fundo. Temos que discutir o preconceito em sua raiz. Todos eles. O racial, o religioso, o social, a intolerância esportiva. Temos que escancarar, abrir essas cortinas totalmente. Não só um pedacinho (REVISTA EXAME, 2013).

Dentro dos estudos de gêneros, encontram-se discussões e reflexões que podem auxiliar o entendimento do preconceito, a obra de Michel Foucault, usada como base para vários teóricos de gênero serve como exemplo:

Foucault, em seus vários trabalhos, desmonta as representações fixas sobre a sexualidade demonstrando que cada época, cada cultura e até mesmo cada sub-cultura produz dispositivos específicos no que diz respeito ao exercício das práticas sexuais, às formas institucionais de

controle destas práticas e à própria organização social da sexualidade (CORRÊA apud SENA, 2004, p.201).

A partir daí é possível determinar algumas conclusões sobre a homossexualidade e o preconceito, como o próprio Foucault levanta no prefácio de *Herculine Barbin: O diário de um hermafrodita*, no qual conta o drama da protagonista da história, ocorrida em meados do século XIX, que após viver como mulher é obrigada legalmente a mudar de sexo devido a uma decisão médica e jurídica:

Do ponto de vista médico (...) trata-se, antes, de decifrar qual o verdadeiro sexo que se esconde sob aparências confusas. (...) Do ponto de vista do direito, isso implica evidentemente o desaparecimento da livre escolha. Não cabe mais ao indivíduo decidir o sexo a que deseja pertencer jurídica ou socialmente; cabe ao perito dizer que sexo a natureza escolheu, e que conseqüentemente a sociedade exigirá que ele mantenha (FOUCAULT apud SENA, 2004, p. 204).

Essa percepção pode facilmente ser transportada para as questões da homossexualidade atualmente, sobre como, ainda hoje, a sociedade reage em relação aos homossexuais, sobre as afirmações de que esse tipo de comportamento não é natural, já que biologicamente as relações sexuais devem acontecer somente entre homens e mulheres; sobre a não existência do casamento civil entre indivíduos do mesmo sexo, sobre todos os estereótipos enraizados num pensamento que ainda se baseia nas definições de masculino e feminino. Como levanta Amílcar Torrão Filho em seu artigo Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam “Essa visão binária do mundo e das relações de gênero identifica o masculino e o feminino como termos opostos, ainda que complementares: eles podem conviver um com o outro, mas nunca um no outro” (FILHO, 2005, p.143).

3.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS: A ATUAÇÃO DO DEPUTADO JEAN WYLLYS NO FACEBOOK E NO TWITTER

Jean Wyllys foi eleito deputado federal pelo PSOL-RJ para o mandato 2011-2015 e participa, entre outros, da Frente Parlamentar Mista pela Cidadania LGBT. O deputado mantém uma página oficial no Facebook e um perfil oficial no Twitter.

A partir da pesquisa da fanpage do deputado Jean Wyllys no Facebook, foram levantados dados quantitativos, como número de fãs, números de likes, comentários e compartilhamentos durante o mês de março de 2013. Para a análise qualitativa foi avaliado o engajamento dos internautas na página do deputado, o engajamento é mensurado de acordo

com o volume de interações realizadas, ou seja, da quantidade de pessoas que curtem, comentam e/ou compartilham o conteúdo das publicações. Também foi analisado o conteúdo dos comentários da publicação com o maior número de interações no mês, foi avaliada uma amostra de 50 comentários e o conteúdo foi classificado em positivo, aqueles que são favoráveis a causa gay; e negativo, aqueles contrários a causa. Também foi feita uma pesquisa quantitativa com os dados disponíveis no perfil do deputado no Twitter. Todas as informações foram coletadas manualmente e devido ao grande volume não foram inteiramente analisadas qualitativamente.

A fanpage do deputado Jean Wyllys, em março de 2013, possui fãs muito mais engajados que de outras páginas. O engajamento de uma página no Facebook se refere à quantidade de interações realizadas pelos fãs em determinado período e é calculado pela soma total das interações dividida pelo total de fãs. De acordo com um relatório da SocialBakers – uma das principais ferramentas de estatísticas em redes sociais do mundo, as fanpages brasileiras com maior índice de engajamento não ultrapassam três por cento em engajamento, ou seja, no número de pessoas comentam, curtem e compartilham o conteúdo página. No caso da fanpage do Jean Wyllys, esse percentual sobe para 69%. Em março, a página teve 59.094 interações – curtir, compartilhamentos e comentários. Estima-se, segundo pesquisa realizada pela empresa TNS, que cada brasileiro tenha cerca de 230 amigos no Facebook e demais redes sociais digitais, portanto seu conteúdo poderá ter atingido 13.650.714 pessoas. O post com o maior número de visualizações, likes, comentários e compartilhamentos no mês de março foi a foto da atriz Fernanda Montenegro beijando a, também atriz, Camila Amado, em protesto a permanência do deputado e pastor Marco Feliciano a frente da comissão de Direitos Humanos da Câmara. 6.172 pessoas gostaram da publicação, ou seja, deram like; 5.087 pessoas compartilharam em seus perfis o post; e houve 1.027 comentários. Analisamos o conteúdo de 50 comentários desse post, 64% - o que corresponde a um total de 657 comentários - são negativos, contra o protesto, mostram repúdio à atitude das atrizes e à atuação do deputado, e, somente 36% - um total de 370 comentários - mostram-se favoráveis, apoiam a causa e são contra o preconceito. As mensagens analisadas, em sua maioria, são enfáticas, os argumentos utilizados pelos internautas apelam muito para religião e são, às vezes, até mesmo ofensivos. De qualquer forma, há também nos comentários positivos pessoas que citam a religião, mas não de forma pragmática e fundamentalista. Conforme mostram as figuras abaixo:

Figura 1 - Comentários Negativos



Fonte: Facebook, 2013.

Figura 2 - Comentários Negativos



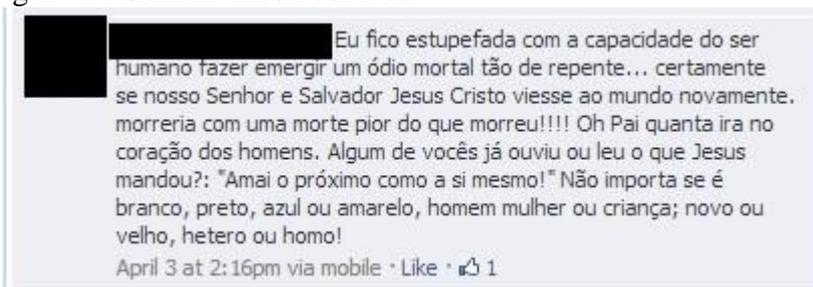
Fonte: Facebook, 2013.

Figura 3 - Comentários Negativos



Fonte: Facebook, 2013.

Figura 4 - Comentários Positivos



Fonte: Facebook, 2013.

Figura 5 - Comentários Positivos



Fonte: Facebook, 2013.

No microblog Twitter, o deputado conta com 157.650 seguidores e publica cerca de 350 tweets por mês, esse dado foi levantado na conta do deputado e é referente ao mês de março de 2013. De acordo com a ferramenta de mensuração e criação de infográficos, Visual.ly, o Twitter do deputado recebe uma média de 92 menções por tweet publicado, o que significa que ele consegue aproximadamente 32.200 menções num mês, levando em conta os dados coletados. Utilizando o mesmo calculo feito com os dados do Facebook, se cada usuário do Twitter tiver 230 seguidores, as mensagens do deputado compartilhadas por eles

podem atingir 74.060.000 pessoas por mês. Para analisar com mais qualidade o conteúdo do Twitter em que o deputado é citado há a necessidade de ferramentas de mensuração pagas, visto que o volume é muito grande.

3 CONCLUSÃO

Além da análise feita em cima dos perfis do deputado Jean Wyllys, foram analisados, de forma mais superficial, outros assuntos referentes ao tema homossexualidade nas redes sociais digitais. A grande quantidade de possíveis objetos de análise gerou uma difícil escolha para este artigo. A atuação de Jean e os comentários ofensivos e até mesmo absurdos encontrados na pesquisa não é a única. Por meio de busca em páginas, comentários, perfis e demais publicações na internet, nota-se que há uma infinidade de assuntos a serem trabalhados e analisados.

A relevância da comunicação via redes sociais digitais na redução do preconceito contra homossexuais no Brasil se dá não pela promoção da conscientização e da redução do preconceito, como foi levantado na primeira hipótese deste artigo. Os comentários analisados na página do deputado Jean Wyllys e esses tantos outros lidos durante a formulação deste artigo mostram que não há mudança de pensamento, mas sim a exposição de conceitos e opiniões já formuladas. Outro exemplo disso é a página do Facebook chamada Orgulho de Ser Hétero, curtida por quase um milhão de pessoas, e que publica posts com discursos bastante homofóbicos e misóginos. Uma dessas publicações compara o ativismo gay com o nazismo, foi curtida por 4.276 pessoas e compartilhada por outras 7.006. Os comentários e argumentos encontrados nessas páginas são repletos de falta de informação e distorcem muito as razões pelas quais existe um movimento gay. Enquanto há petições online, grupos, pessoas e deputados como o Jean Wyllys organizando e se articulando em defesa da igualdade e da redução do preconceito, há também milhares de pessoas fazendo o contrário, como mostram os comentários abaixo feitos em um post sobre o casamento civil gay, publicado na fanpage Orgulho de Ser Hetero.

Figura 4 - Comentário na fanpage Orgulho de Ser Hetero.



Fonte: Facebook, 2013.

Figura 5 - Comentário na fanpage Orgulho de Ser Hetero.



Fonte: Facebook, 2013.

Figura 6 - Comentário na fanpage Orgulho de Ser Hetero.



Fonte: Facebook, 2013.

Esses exemplos comprovariam a terceira hipótese levantada, de que a comunicação via redes sociais digitais não é relevante, visto que não promove a mudança de pensamento e a redução do preconceito, porém, o volume de comentários em relação ao tema, comprova a segunda hipótese, de que as mensagens geram novos comentários e discussões, o que se apresenta de suma importância dentro da análise. Uma vez que com cada comentário é possível atingir um número grande de pessoas, que comentam e expõem suas opiniões, as redes sociais digitais fornecem uma quantidade absurda de dados que poderiam ser utilizados para justificar ações, como a proposta do kit gay nas escolas. Sem julgar a qualidade do material ou qualquer outra coisa em relação a isso, esses comentários deixam mais do que claro que é necessária uma reeducação, que são necessárias campanhas de conscientização, que são necessárias sim, ações para reduzir o preconceito contra homossexuais no país. E que campanhas e movimentos virtuais fazem a diferença, porque dessa forma é possível discutir, chamar a atenção de grandes veículos de comunicação, de governantes e da população em geral para o tema, mas que não dependemos somente disso. Não só para o assunto gay, mas para tantos outros problemas sociais do país.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Estudos culturais e estudos de gênero: entendendo os olhares. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, n. 4, 2006. Disponível em <http://apps.unibrasil.com.br/revista/index.php/comunicacao/article/viewFile/60/53>. Acesso em 10 abril de 2013.

COELHO, Mara; GROSSI PILLAR, Miriam; COSTA ROCHA, Cristina; GARCIA ZIGELLI, Olga R.; SENA, Tito. **Interdisciplinaridade em Diálogos de Gênero: teorias, sexualidades, religiões**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

COMSCORE. **Audiência de Vídeos Online no Brasil alcança 43 milhões de espectadores únicos em dezembro de 2012**. Disponível em: <<http://migre.me/e4cRY>>. Acesso em 09 abril. 2013.

ESTADÃO. **Brasileiros têm 2ª média de amigos online**. Disponível em: <<http://migre.me/e4o1R>>. Acesso em 10 abril. 2013.

ESTADÃO. **Cresce o número de assassinatos de homossexuais em 2012**. Disponível em: <<http://migre.me/e4cM8>>. Acesso em 09 abril 2013.

ESTADÃO. **Entrevista do filósofo Pierre Lèvy ao Estado de São Paulo pelo Twitter**. Disponível em: <<http://migre.me/e4dsH>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACEBOOK. **Jean Wyllys**. Disponível em: <www.facebook.com/jean.wyllys>. Acesso em 09 abril 2013.

FELINTO, Erick. *Think Different: estilos de vida digitais e a cibercultura como expressão cultural*. **REVISTA FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, dez. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/e4itj>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

FILHO, Amílcar T. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagú**, São Paulo, v. 24, abril. 2003. Disponível em <http://migre.me/e4avB> último acesso em 10 de abril de 2013.

IBOPE. **Internauta gasta em média 10 horas e 26 minutos em redes sociais**. Disponível em: <<http://migre.me/e4cor>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

LEMONS, André. Cibercultura e Mobilidade. A era da Conexão. **Intercom**, Rio de Janeiro, v. 28, set. 2005. Disponível em <http://migre.me/e4aTO> último acesso em 10 de abril de 2013.

LEMONS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.



LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 32, 1999.

LÈVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 32, 2003.

MARTINS MEDINA, Luciano. Internet é democracia. **Observatório da Imprensa**, Campinas, n. 627, fev. 2011. Disponível em: < <http://migre.me/e4d2r>>. Acesso em 07 mai. 2012.

OLIVEIRA, Glaucia da Silva D. Construção, negociação e desconstrução de identidades: do movimento homossexual ao LGBT. **Cadernos Pagú**, São Paulo, v. 34, jan-jun. 2010. Disponível em <http://migre.me/e4ar6> último acesso em 10 de abril de 2013.

OUTRAS PALAVRAS. **Castells propões outra democracia**. Disponível em: < <http://migre.me/e4ciw>>. Acesso em 07 mai. 2012.

PORTAL IG. **Brasil tem mais de 60 mil casais homossexuais, indica IBGE**. Disponível em: <<http://migre.me/e4bEt>>. Acesso em: 31 jan. 2013.

PRIMO, Alex. **A emergência das comunidades virtuais**. 1997. Disponível em <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf> . Acesso em 07 de maio. 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. **E Compós**, v. 2, 2005. Disponível em: < <http://migre.me/e4iZf>>. Acesso em 09 mar. 2013.

REVISTA EXAME. **8 casos de violência a gays são denunciados por dia**. Disponível em: <<http://migre.me/e4caR>>. Acesso em 05 fev. 2013.

REVISTA EXAME. **Brasil avança em mapa gay de direitos**. Disponível em: <<http://migre.me/e4c5N>>. Acesso em 05 fev. 2013.

REVISTA EXAME. **Mercado é cego para potencial consumo do público LGBT**. Disponível em: <<http://migre.me/e4bYi>>. Acesso em 05 fev. 2013.

SCOTT, Joan. Gender: A useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, Oxford, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dec. 1986. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1864376> Acesso em 10 abril 2013.

SERASA EXPERIAN. **Facebook dobra participação no ranking de redes sociais em dezembro, de acordo com Hitwise**. Disponível em: < <http://migre.me/e4csG>>. Acesso em: 16 mar. 2013.



IX Conferência Brasileira de
Mídia Cidadã
IV Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã

SIMÕES, Assis Júlio; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOCIAL BAKERS. **Tecnisa é uma das marcas mais engajadas no Facebook, segundo Sociabakers**. Disponível em: <<http://migre.me/e4noa>>. Acesso em 10 abril. 2013.

TERRA. **Aborto de anencéfalos não é mais crime, decide STF**. Disponível em: <<http://migre.me/e4cPr>>. Acesso em: 09 abril. 2013.

TRIVINHO, Eugênio. A condição transpolítica da cibercultura. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 31, dez. 2006. Disponível em <http://migre.me/e4bem> último acesso em 10 de abril de 2013.

VISUAL LY. **Estatísticas Twitter**. Disponível em: <www.visual.ly>. Acesso em 08 abril 2013.